



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A MINHA TERRA

O "Rei,, D. António

Estamos em 1580. A Pátria, dous anos após o desvairo de Alcácer-Quivir, agoniza. Um Cardeal senil, é rei. Em Castela procura-se um herdeiro ao trôno português. Nas côrtes de Almeirim os representantes do clero e da nobreza votam a sucessão filipina. Só Febo Moniz, em aliança com os honrados procuradores do povo, protesta contra semelhante vilipêndio. D. Henrique, o rei Cardeal, morre. Os governadores do reino, emigram. Filipe 1.^o entra em Portugal. O povo chora de vergonha e desespero. Conspira-se. Bons portugueses juram "pela sagrada hóstia" vingar Portugal!

*

"Nesta villa... se começaram a reparar os muros e portas della e assy o castello de cousas necessarias pera defensão da dita villa e se taparom algumas portas de pedra antre as quais foy a porta da garrida" (1).

Protesta contra a vedação desta porta da muralha da vila o Cónego Francisco de Mesquita, fidalgo de largas rendas e bem aparentado, que morava próximo. Mas o povo que sabe ser o Cónego partidário de Castela, clama a altos brados:

— *Treidor! Treidor!*

(1) Esta e outras transcrições que se seguem, são extraídas de dous manuscritos da biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento e de um estudo sob o título «Subsídios para a História Vimaranense no tempo do Prior do Crato», por João de Meira, publicado em separata desta Revista.

«...e sobre o deixar aberto ou tapado (o muro) ouve duvidas e se ajuntou nas crastas de nossa snhora doliveira desta villa algua parte do povo e gente da governança... e concluirão aos votos que a dita porta se tapasse».

Entretanto, as quatro companhias de milícias organizadas na vila recebem instruções do Capitão-Mor: «...fossem dormir ao castello com hum cabo de gente pera sua defensão».

*

«Chegando a nova a guimarães... que era ho porto tomado de improvso se alevantou ho povo meudo cõtra el Rej de Castella a quem os maioraes capitão mor e outros alevantarão por Rej poucos dias avia cõtra võtade do povo».

A alegria toma de assalto o coração do povo. Repicam festivos os sinos. A' noite, uma manifestação faúlhante, rufando tambor, vai apupar os partidários de Castela, sumidos nos forros das casas, curtindo medos.

Nisto, uma turba vinda das bandas do Castelo, corre, gritando:

— O Alcaide! o Alcaide!...

E a onda revolta da arraia-miúda redemoinha, avoluma, avança, indo alcançar o fugitivo às portas de S. Domingos ⁽¹⁾. Detendo-lhe pelas rédeas a montada, increpam-no «com pallavras grossas e mal falladas», perguntando-lhe pelas chaves do Castelo.

Depõe o próprio Fernão Coutinho, Alcaide-mor do Castelo:

«...ha porta da villa de sam domingos da dita villa se ajuntou o povo da dita villa com lanças e espingardas e outras armas e quizeram matar a elle... e lhe cortaram as redeas ao cavallo e o ferirão elle e a hum seu escravo e o affrontaram e prenderam e o levarã a casa do corregedor».

Ouvido o Alcaide pelo senhor Corregedor, este «sem embargo de ser bom portuguez e bem chisto do

(1) Ainda vulgarmente designada «Porta da Vila».

povo, mas (porque) ho officio da vara lhe fez mal... por ser grande castelhano», restituíra o Alcaide à liberdade, o qual foi refugiar-se em casa do Cónego Mesquita.

Para este alfôbre de parciais de Castela se dirigiam, porém, atenções e vigilâncias apertadas — a ponto de uma ocasião, pela calada da noite, terem observado que desta casa se passavam armas por cima da muralha.

Dado alarme do caso, tocando a rebate o sino do Castelo, logo um trôço se organiza «com a gente que nelle havia de guerra assy de pee como de cavallo e foram no alcanse dos criados e gente de diogo lopez da mesquita de lima capitam mor... e lhe tomaram muitas armas e de preço e as trouxeram» num clamor de triunfo, erguendo ao alto uma bandeira.

Na volta, e num acesso de revindita, a onda impetuosa e cachoante reflue de novo para junto da casa do Cónego Mesquita, tentando de roldão invadi-la.

Ao que acudiram algumas pessoas prudentes, dizendo — que o Cónego Mesquita «hera fidalgo e pessoa nobre e que seria mal feito irem assy todos a sua casa... fossem laa alguns homens que elle daria as armas e polvora que tivesse...»

Acatou o povo este conselho, comissionando para semelhante diligência Belchior de Goios, mercador, um frade de S. Domingos de nome Frei Francisco de Santa Ana, e um homem dos mesteres, Pantalão Gonçalves, barbeiro. Indo os três à presença do Cónego fidalgo — «diseram que o povo desta villa lhe mandava dizer que se tivese armas ou polvora lhe desse... senam que hirião laa todos ver se lhas achavam».

Esta diligência fôra, porém, sem resultado, como sem resultado havia de ser o conselho que os três delegados do povo lhe deram para abandonar a vila.

— Qual! Abandonar a vila?! «...bem o podião matar mas que não se avia de sahir»!

Oiçamos o depoimento do Cónego:

«...ainda que lhe fizessem todas as mais avexações e affrontas que podessem que não se havia de sahir e na dita villa avia de morrer polo serviço de sua magestade» el-rei D. Filipe de Castela.

A borrasca engrossando, traz a Guimarães «hum

corregedor per nome pero dalpoim com alçada pera devasar».

E a devassa contra os partidários de Castela é iniciada pela casa do Cónego Mesquita, por ordem de D. António, «*e lhe buscaram a casa com avexações e soberbosamente*», apreendendo-lhe «*muitas lanças, pi-quos e chuços*».

Conduzido o Cónego Mesquita à presença de Pero de Alpoim, ali recebe voz de prisão e é conduzido à cadeia por um meirinho. Encontrando-se com o Alcaide, seu amigo, êste pergunta-lhe alvoroçado:

— «*snnhor que he isto que vindes assy*»!

Ao que o Cónego respondeu:

— «*vou preso pera a cadeia da correição com muita dor e vergonha*»!

E o meirinho «*com muita multidão de escopeteiros negros mouriscos e outra gente*» o conduziu à cadeia.

Ali o foi ver o Alcaide «*honde o achou preso asentado em um escabello com homens baixos e asi com as lagrimas nos olhos sentindo a muita affronta que lhe aviam feito por ser homem fidalgo de calidade e sacerdote de missa.*»

*

Por sua vez o Alcaide, refeito do primeiro susto que sofrera às portas de S. Domingos, de novo se pôs a andar. Da sua retirada *estratégica* dá conta um auto lavrado nos livros da Vereação, o qual começa assim:

— «*Aos vinte e três dias do mês de setembro do ano de mill e quinhentos e oitenta anos nesta villa de Guimaraens na camera della estando hahij Ruj de morguade vereador e Juiz pella ordenação e trocade do valle peixoto vereador e francisco de freitas procurador do concelho e bem assy o sr. capitão moor diogo lopez da misquita de llima e o licenciado dominguos Rodrigues corregedor em ella e sua comarqua parante elles forão mandadas coatro chaves da fortalleza do castello e que a outra do postigo da treição ficara na mão de damiam diaz carcerejro do castello as coais coatro chaves mandou o comendador fernão coutinho... por*

um pajem seu dizendo que elle hia a cidade de bragua fallar com o snor Arcebispo... e que veria pera segunda ffejra...».

Em verdade, uma segunda-feira chegou que trouxe de retôrno à vila não só o Alcaide, como o Capitão-Mor e outros foragidos. Foi quando D. António, perdendo a partida, viu a sua cabeça a prêmio.

*

Os sicários, a sôldo de Filipe II, bem procuraram em Guimarães o inditoso príncipe. «O rei catholico... impaciente de o colher por qualquer meio como penhor da victoria e da occupação... assalariou espias que o descobrissem, e não contente com tudo isto fulminou um edicto, no qual promettia oitenta mil ducados a quem o apresentasse, vivo ou morto» ⁽¹⁾. Mas jâmais alguém dentre os vimaranenses se propôs ganhar os 80.000 ducados oferecidos em prêmio pela sua cabeça.

Uma prova de que os vimaranenses fôram fiéis a D. António, dá-a êste dizer do manuscrito: «*avendo muito poucas pessoas que no tal tempo quisessem acceptar carrego algũ de capitão nem de outros da mellicia tendo dantes acceptado os ditos cargos pollo snor dom Antonio*».

Certa manhã brumosa soldados de cavalo vindos de Braga entraram «*polla ponte de são Joam... e não lho cõcintiu a villa e não pasarão da cõceição e (acamparam) no môte de são pedro e que seriam de pee e cavallo 500 homẽs... e se forão contra amarante...*»

Tropas de pé e a cavalo atravessaram o concelho, acantonaram-se nas aldeias, aboletaram-se na vila em demanda de D. António e mais na devassa aos seus partidários.

Outra vez, numerosas forças seguindo no seu varejo, «*matarão em Rendufe quãto gado meudo acharão e leitões e galinhas e poserão foguo a casa de bernaldo a.º porque lhes não davão don antonio e se partirão... e de caminho poserão també foguo a casa*

(1) «História de Portugal», Rebelo da Silva, tomo II, pág. 577.

do abbade de guõdomar... que també foi ao desbarate do porto."

Longo tempo durou o sobressalto destas invasões da tropa em rebusca às tocas dos patriotas portugueses refugiados.

Em dous conventos, dos muitos que a nobre vila de Guimarães contava, se orava ao céu pela paz dos portugueses — agora entregues, por maus fados do destino, ao domínio de um rei intruso. Um desses conventos era o dos frades Jerónimos da Costa, em cujo instituto superior estivera em tamanino o inditoso D. António, prior do Crato — porquanto, *"seo pay o creou com estimaçoens de legitimo, tendo-o na sua companhia até quasi á idade de oito annos em que o mandou para o Mosteiro da Costa da Ordem de S. Jeronimo, junto á Villa de Guimaraens..."* ⁽¹⁾.

O outro convento devia ser o das freiras Claristas, onde *"a infanta dona Luiza filha de el-Rei dom antonio se acolheo"* e onde, no dizer de Camilo, *"foi encontrada pelos soldados castelhanos"* ⁽²⁾.

Finalmente, para rescaldo dos ânímos varonis da arraia miúda vieram *"80 arcabuzeiros de cavallo pera estarê de guarnição... em Guimaraens... Apousentarão-nos no toural"*.

A. L. DE CARVALHO.

⁽¹⁾ «Hist. Genealógica da Casa Real», III, pág. 368, D. António Caetano de Sousa.

⁽²⁾ «D. Luís de Portugal», Camilo Castelo-Branco, pág. 182.